



APRESENTANDO

CÉLESTIN FREINET



O educador francês Célestin Freinet (1896-1966) constitui a principal referência para quem trabalha com jornal escolar, embora não tenha sido o primeiro a utilizar o recurso. Com ele a proposta ganha amplitude, como peça fundamental de um pensamento pedagógico que tem como base a exaltação da livre expressão da criança e do adolescente.

O jornal escolar é o suporte de uma experiência de vida do aluno, que é sensibilizado e estimulado pela possibilidade de comunicar (uso social da escrita). O jornal e cada uma das produções publicadas (textos, desenhos, fotografias) é uma obra pessoal e coletiva ao mesmo tempo. Nesse engajamento, o aluno mobiliza seu julgamento e criatividade. Ele constrói, assim, sua autonomia.

QUEM ERA FREINET

Freinet era uma pessoa com ideais socialistas que iniciou sua prática docente como professor substituto, numa pequena escola rural do interior da França, antes mesmo de ter completado sua formação. Imediatamente entrou em conflito com o autoritarismo do sistema educacional e sua incapacidade de entender as necessidades e o potencial das crianças.

A base do seu pensamento é o naturalismo – isto é, o respeito pela criança, na sua especificidade, como orientação primeira da educação – e a visão social que se manifesta pelo interesse na vida das crianças (sua cultura), pela valorização do trabalho – no sentido de "obra", de produção que engaja a energia criativa do indivíduo, sendo, portanto, libertador – e pela promoção do espírito cooperativo.

O pensamento de Freinet é profundamente intuitivo. A partir de princípios básicos é capaz de construir uma prática inovadora. Nesse sentido, sua obra constitui um convite para todos os professores refletirem sobre suas práticas e modificá-las em um sentido positivo.

Célestin Freinet se diferencia da maioria de outros importantes pensadores e teóricos da educação por ter sido ele mesmo um professor primário que atuou em sala de aula por quase toda a sua vida. Sua proposta pedagógica deriva diretamente do trabalho desenvolvido com os alunos, na busca das condições para construir um sentido para a escola. Propõe, para tanto, uma prática pedagógica centrada na expressão do estudante, a produção de "obras" (o jornal é uma delas) e da cooperação entre pares. A Pedagogia Freinet é conhecida também por vários outros nomes muito sugestivos: "Pedagogia do Trabalho", "Pedagogia do Bom Senso", "Método Natural" e "Pedagogia do Sucesso".

Embora não fosse um acadêmico, Freinet participava dos debates pedagógicos de seu tempo, marcados pelo surgimento da Escola Nova, corrente de pensamento para a qual a aprendizagem acontece quando se mobiliza o interesse da criança através de métodos ativos. Em certo sentido não é o professor que ensina, mas a criança que aprende; isto constitui uma revolução copernicana na educação.

Freinet assume esses princípios mas não sem criticá-los e desenvolve-los. Para ele a aprendizagem da criança passa pela produção cooperativa de bens materiais (uma peça de marcenaria, por exemplo) ou culturais (uma poesia, um texto para o jornal, uma pesquisa). A produção desses bens é considerada como uma obra, uma criação (a referência constante de Freinet ao trabalho deve ser entendida nesse exato sentido, e não como formação de mão de obra para o mercado). Cria-se uma situação onde a criança, em situação ativa, se apropria de conhecimentos multidisciplinares, com a ajuda do seu professor. Freinet chama de "tateio experimental" esse processo de aprendizagem.

Bibliografia

- Célestin Freinet, Louis Legrand, Coleção Educadores, MEC. Na biblioteca de sua escola. Disponível para download em www.dominiopublico.gov.br
- Célestin Freinet - Uma Pedagogia de Atividade e Cooperação, Marisa del Cioppo Elias, Ed. Vozes.
- Freinet - Evolução Histórica e Atualidades, Rosa Maria Whitaker Ferreira Sampaio, Ed. Scipione,
- O Jornal Escolar, Célestin Freinet, Ed. Estampa. Esgotado, disponível para download em www.jornalescolar.org.br
- Para uma Escola do Povo, Célestin Freinet, Ed. Martins Fontes
- Pedagogia do Bom Senso, Célestin Freinet

UMA VISÃO INTEGRAL DO JORNAL ESCOLAR

Freinet vantagens pedagógicas, psicológicas e sociais do jornal escolar. Os trechos que apresentamos abaixo são do livro "O Jornal Escolar", publicado originalmente em 1926. Retirados da edição portuguesa Editorial Estampa : Lisboa 1974.

Vantagens Pedagógicas (trechos)

A criança sente a necessidade de escrever, exatamente porque sabe que seu texto, se for escolhido, será publicado no jornal escolar e lido por seus pais e pelos correspondentes; por isso sente a necessidade de expandir o seu pensamento por meio de uma forma e de uma expressão que constituem a sua exaltação.

- Usando um método natural, sem redações formais, sem repisamento gramatical, poderá atingir-se:

- Uma expressão correta e viva, cujo valor é sancionado pelos exames habituais;
- Um desejo, uma necessidade de escrever e de ler, de experimentar e calcular que estão na base de uma formação de cultura.

- As trocas interescolares.

Pelo jornal escolar, a escola estará doravante ligada a várias escolas semelhantes a nossa, situadas em diversos pontos da França e do mundo.

- O jornal escolar é um inquérito permanente que nos coloca a escuta do mundo e é uma janela ampla, aberta sobre o trabalho e a vida.

Uma escola que edita um jornal escolar não pode continuar a trabalhar segundo as normas habituais. Pela força das coisas, está na via da modernização e do progresso.

- O jornal escolar é o arquivo vivo da aula.

Por meio da imprensa e do jornal escolar, os "momentos" memoráveis da vida da classe são fixados definitivamente (...) Esquecemos o que abrangia o programa escolar de uma certa segunda-feira, mas lembramo-nos do pedaço de vida que redigimos e imprimimos, do jornal no qual foi incluído, dos desenhos e linos que o realçavam, das impressões trocadas, das interrogações feitas e das respostas obtidas, dos textos lidos e dos poemas saboreados.

Para o professor, assim como para as crianças, cada página do jornal é como um degrau na lenta escalada da educação e da cultura: ela materializa e idealiza o esforço. É a medida da Escola.

- Teremos uma obra para mostrar.

O camponês mostra-nos com orgulho o campo rico de erva ou de espigas abundantes; a dona de casa faz-nos admirar os seus cobres ou o seu gato, o artesão conserva na sua oficina as obras-primas que constituam títulos de nobreza. O professor nada tem na aula que possa testemunhar a sua ciência e devoção.

A página da vida e o jornal escolar constituem exatamente essas obras-primas quotidianas.

Nada é mais desesperante, tanto para os professores como para as crianças, do que cavar sempre o mesmo sulco sem ver germinar a colheita. Todos temos necessidade de êxitos tangíveis. O jornal escolar é um deles.

O jornal escolar é uma "produção", uma obra ao alcance das nossas classes e que toca profundamente no essencial da nossa função educativa. Põe-nos no caminho de uma fórmula nova de escola, aquela escola do trabalho cuja necessidade começamos a sentir, que já não trabalha segundo normas intelectualizadas, mas sim com base numa atividade social.

- Como toda a associação de trabalhadores, a escola deve ter o seu boletim de ligação e de ação.

É necessário que fomentemos estes contatos e relações entre a Escola e o meio, entre a Escola, as autoridades de ensino e os pais, mas devemos fazê-lo não apenas na base de um formalismo superficial, mas segundo um processo novo, orgânico e profundo.

Mesmo se não virmos a necessidade, por enquanto, de uma exploração pedagógica do jornal escolar, temos necessidade, no nosso bairro ou na nossa aldeia, de um boletim de intercomunicação e de ligação. O jornal escolar constitui a solução prática desejável.

- O nosso jornal escolar será o "reflexo da nossa aula".

O nosso jornal escolar falará por nós. Certamente será a expressão das crianças que terão sido os seus principais artesãos. Mas o valor dos seus textos, o cuidado e a arte postos na apresentação, a humanidade e a espiritualidade que dele se libertam, são justamente os produtos da Escola, os frutos da nossa pedagogia.

Quando passamos diante de um jardim bem cuidado (...) não dizemos simplesmente: que boa terra! e que lindas plantas! Dizemos também: que jardineiro tão hábil e sensível!

- O trabalho bem feito.

Em todos os domínios, o trabalho bem feito é sinal de um equilíbrio feliz, de uma concentração sempre benéfica, de hábitos preciosos de medida e ordem e também da inserção da atividade encarada num complexo de vida e segundo uma filosofia.

E é em verdade que tais conquistas estão entre as mais importantes de uma boa educação. Aplica-te! Sê mais cuidadoso! Pensa no que fazes! Estas são as recomendações incessantes da Escola e, como todas as recomendações, tornam-se inúteis, porque apenas visam a forma e o resultado do esforço, quando afinal esse mesmo esforço só pode ser proveitoso se estiver harmoniosamente inserido numa regra de vida.

Quando a criança estuda uma lição, copia um texto ou faz uma redação, cumpre os seus "deveres". Para ela, a finalidade imediata é obter uma boa nota ou, pelo menos, evitar sanções.

(...) Não vale a pena dizer aos pequenos tipógrafos: cuidado com a técnica de impressão! Todas as crianças sentem bem que uma página rasurada é um fracasso e ninguém gosta de fracassos.

O jornal escolar que se distribui ou se envia pelo correio deve ser perfeito, visto que é por ele que nos julgarão e todos nós gostamos de ser julgados favoravelmente.

- O jornal e as aquisições escolares.

Mas, pensarão talvez os educadores tradicionais ainda por convencer, não negamos que esse método e, em particular, a realização do jornal escolar sejam grandemente favoráveis a uma formação profunda dos nossos filhos.

Contudo, na prática, objetarão eles, temos de ensinar a redação, a gramática, a ortografia, o cálculo, as ciências e a história. E esta preocupação, que consideramos primordial, açambarca-nos as horas e os dias. Teremos o direito de nos aventurar por caminhos desviados, que talvez até sejam estradas principais, mas que não nos permitem ir direito ao fim, cumprindo os programas? Vamos explicar, resumindo:

- Que o jornal escolar, motivação ideal do nosso método de expressão livre, é o melhor exercício de redação, de ortografia e de gramática vivos. (...)
- Pelos vários inquéritos e intercâmbio escolar, estudamos cuidadosamente o meio ambiente, sob o ponto de vista histórico, geográfico, científico e social. Teremos portanto ricos e seguros elementos de base para uma sólida aquisição das noções exigidas pelos programas.
- Mas afirmamos sobretudo que a qualidade dos progressos, sejam escolares ou extra-escolares, vem sempre da nossa sede de conhecer e de agir e do interesse que pomos no nosso próprio trabalho.

Por meio do jornal escolar despertamos esta curiosidade e este interesse; permitimos que eles se afirmem: damos aos nossos alunos qualidades de gosto, aplicação e minúcia que são a nobreza de todo o bom trabalhador.

E sabe-se bem que, quando as nossas crianças têm este desejo e este gosto pelo trabalho, quando despertamos os seus interesses e lhes sabemos satisfazer as necessidades, podemos levá-las ao fim do mundo ou, melhor, elas irão ao fim do mundo: basta que as saibamos ajudar técnica, social e moralmente.

Este é o papel do nosso método de educação.

Vantagens psicológica (trechos)

- Normalização do meio onde a criança vive.

O que é certo é que ainda hoje, segundo as concepções da Escola e da Educação, se cria uma dualidade lamentável nas funções maiores do indivíduo: a família, a aldeia ou a rua tem as suas normas, forma de instrução moral e tipos de cultura. A Escola trabalha segundo normas deliberadamente diferentes, opostas na maior parte das vezes, que lançam a confusão no comportamento das crianças e contribuem para a sua desadaptação.

Com o nosso método superamos esta dualidade. A criança chega a nossa classe com os sentimentos, preocupações, necessidades e inquietações que pouco a pouco modelam a sua personalidade. Não lhe dizemos: "abandona esse hábito, mesmo que já faça parte de ti... vamos ensinar-te outra coisa, por outros meios, com outros processos!"

Tomamos a criança tal como ela é e, usando técnicas de trabalho semelhantes as do meio familiar e social, mas com uma maior riqueza experimental esforçamo-nos por lhe permitir ir mais longe e mais alto nos caminhos da verdade e da humanidade.

O simples fato de harmonizarmos, pelas nossas técnicas, a vida escolar e a vida familiar e social é, sem dúvida nenhuma, de grande alcance na formação psíquica e psicológica das crianças.

- A disciplina nova, disciplina do trabalho.

A substituição de um modo de vida estranho aos hábitos correntes do meio só se pode fazer recorrendo à autoridade - direta ou indireta - e esta, sob qualquer forma que se apresente, é sempre origem de conflitos que nada mais fazem do que agravar as dificuldades nascidas do dualismo educativo que denunciámos.

Pensamos mesmo que a quase totalidade dos complexos psíquicos e psicológicos provém de uma má solução dada aos problemas de disciplina, isto é, aos problemas da coexistência harmoniosa dos indivíduos e grupos.

A "normalização", seja na Escola ou na fábrica, visa atenuar estes conflitos disciplinares. Conseguimo-lo ainda fazendo as crianças enveredar por caminhos que as levarão mais seguramente ao fim a atingir e que se baseiam todos no trabalho.

Restituímos a esta noção de trabalho - sobretudo pelo texto livre e pelo jornal - toda a sua nobreza e alcance; possibilitamos que a criança se oriente; damos-lhe razões novas para viver e agir, o que contribui certamente para o progresso psicológico desejado.

- A expressão livre das crianças.

Uma parte importante das perturbações de carácter provém igualmente do fato de que a criança na Escola não tem a possibilidade de exteriorizar as suas necessidades, sentimentos e tendências.

A Escola, que durante tanto tempo desprezou estes complexos psíquicos obstinando-se em ignorá-los, substituíra estes sentimentos por pensamentos e emoções dos clássicos e dos "mestres". Esquecia que todos nós temos humanamente necessidade de dizer, gritar e cantar as nossas alegrias, esperanças e desgostos.

Utilizando o texto livre e o jornal escolar, alimentamos e exploramos esta necessidade de exteriorização da criança. Tecnicamente, é desta necessidade que partimos para todo o trabalho de instrução e educação que vamos empreender.

- A libertação psíquica.

As recentes pesquisas da psicanálise contribuíram para pôr em relevo os perigos que constituem para o indivíduo a incapacidade em que se encontra de exteriorizar os seus problemas.

Guardamos conosco segredos que nos obcecamos e nos corroem porque suscitam complicações para as quais não conseguimos encontrar sozinhos a solução.

O simples facto de o indivíduo exteriorizar estes problemas, de os lançar no circuito coletivo e social, de esperar portanto soluções favoráveis, constitui uma descarga moral, ou melhor, uma descarga psíquica que nos permite reagir mais sensatamente (...).

A Escola habitual desinteressa-se disso totalmente, por princípio e até por técnica, podíamos dizer. Age como se a criança que acolhe fosse uma matéria nova, sobre cujos destinos às especulações

da Escola pudessem prosseguir independentemente de todas as realidades prévias que a condicionam.

A criança tem mau caráter, não é sociável, parece estranha à vida da comunidade. A Escola registra e sanciona. Mas um texto livre revelar-nos-á um dia qual o drama secreto que açambarca permanentemente as inquietações do seu autor. Uma menina chega à aula sempre tarde, suja e mal penteada. Nunca lhe faltam justificações fantasistas que nos fazem atribuir-lhe uma imaginação anormal e perversa.

Mas os textos livres contar-nos-ão, abertamente ou não, a situação familiar dramática daquela criança. Saberemos doravante as tarefas com que é sobrecarregada de manhã, a pouca afeição que encontra na família e que ela compensa por uma ligação comovente às suas galinhas e cordeiros.

Esta revelação vai modificar profundamente - ainda bem, aliás - a situação escolar desta criança; serão estabelecidas novas pontes e abrir-se-ão vias novas à intercompreensão - tudo isto pode estar na origem de verdadeiras ressurreições.

- Trabalho produtivo.

Uma das causas atuais do desequilíbrio individual e social provém certamente do fato de na nossa época já quase não se conhecerem as alegrias do trabalho. O trabalhador na fábrica "esfola-se" (tem razão em não pronunciar neste caso a palavra sagrada do trabalho) "para ganhar o seu quinhão" e não para produzir uma obra valiosa - preocupação acessória. A criança "marra" sem objetivo nem razão para passar nos exames e ganhar também ela o seu pão por uma situação se possível bem assegurada. (...)

A Escola deve voltar a dar a esta noção de trabalho todo o seu eminente valor individual, social e humano. O jornal escolar é o protótipo deste trabalho novo. Para se dedicar a ele, a criança deixa de ter necessidade do estimulante das notas, do lucro material ou da atração do jogo.

Ainda que o jornal escolar apenas desse à Escola essa atmosfera nova de atividade criadora e funcional, ele não agitaria menos profundamente uma pedagogia que nos anos vindouros se irá inscrever sob o signo do trabalho.

- Uma pedagogia de sucesso.

Em todos os domínios, o fracasso é um destruidor de personalidades. Na criança está sempre na base de taras graves, desde a hesitação até à gaguez e à anorexia fisiológica e mental.

Por intermédio do jornal escolar, a criança é bem sucedida: triunfa com o seu texto, que se torna uma página definitiva difundida na aldeia e através do espaço: triunfa com a sua gravura e os desenhos que dão beleza à obra coletiva.

Realizemos um belo jornal. Organizemo-nos tecnicamente para que ele seja, sem graves riscos, o triunfo que nos honrará. Pouco a pouco na nossa aula e na nossa vida ir-nos-emos habituando a salientar os êxitos que dão esperança e energia. Progressivamente iremos atirando para a tralha dos processos caídos em desuso os exercícios, as sanções, as provas que são apenas uma técnica de fracasso.

É andando que se experimenta o movimento; é trabalhando na forja que nos tornamos forjadores. É animando a vida que nos treinamos a viver útil e generosamente.

Vantagens Sociais (trechos)

- O jornal escolar é um trabalho de equipe que faz preparação prática para a cooperação social das crianças

- O trabalho de cada aluno faz parte de um todo que necessita de diligência, aplicação e perfeição.
- Em todas as fases do seu processo, a edição e a difusão do jornal escolar são a melhor das preparações para as responsabilidades sociais.

- O jornal escolar é a melhor solução para a indispensável ligação com os pais.

A ligação Escola-Pais, mais indispensável do que nunca, é realizada "tecnicamente" pelo jornal escolar que, todos os meses, leva às famílias o aspecto original da vida da aldeia, vista pelos olhos das crianças.

Aliás, acrescentando algumas páginas especialmente destinadas aos pais, pode-se fazer do jornal escolar um verdadeiro jornal da aldeia, sem comprometer as vantagens pedagógicas da iniciativa. Com efeito, o que os pais esperam do jornal escolar, não é tanto as notícias da região - que eles conhecem - mas mais os aspectos originais do trabalho dos seus filhos.

Excepcionalmente aliás, certos números especiais poderão incidir sobretudo neste papel de ligação: organização de permutas e viagens de permuta, preparação de festas, monografia da aldeia, inquéritos, contos etc.

- O jornal não será tabu.

E guardamos para o fim a vantagem, ao mesmo tempo individual e social, que consideramos como a mais importante e eficaz no que diz respeito à formação do homem e do cidadão.

Uma das grandes falhas da nossa cultura (...) é o fato grave de, para as crianças e adultos da nossa época, o texto impresso ser tabu. (...) Está escrito... está impresso. Não vinha no jornal se fosse falso! É desta fascinação pelo texto impresso que vivem os jornais de grande tiragem e as organizações de propaganda que se servem deles como instrumento. É este "atafulhar" sistemático de espírito que falseia tão tragicamente nos nossos dias os próprios princípios das nossas democracias.

Hoje, o jornal pensa pelos seus leitores. Aquilo que pessoas inteligentes e instruídas escreveram e imprimiram só pode ser a verdade. O público abstém-se de criticar. E muita sorte haverá se não apedrejar os originais que continuam a ter ideias próprias e que se atrevem a exprimi-las!

Infelizmente, a escola tradicional prepara esta submissão dos indivíduos (...). Os primeiros textos apresentados às crianças são naturalmente textos de adultos. Lá estão eles, impressos na cartilha. Não sabemos o que querem dizer, mas são textos de leitura, que é preciso papaguear antes de tentar compreender, se é que merecem ser compreendidos.

Quando chegar a altura de abordar a redação (...) a criança vai repetir e copiar as frases impressas nos livros ou que foram ditadas pelo mestre. Em ciências, história, geografia, as aulas e os resumos tomam o lugar da informação e das experiências.

Então a criança convence-se lentamente que o seu próprio pensamento - como aliás os seus atos - são e deverão ficar insignificantes e que só terá valor o pensamento majestoso amplificado pelos livros e jornais. Está portanto pronta a receber as novas ditaduras.

Conosco a criança compõe página a página o seu próprio jornal que, como todas as criações humanas, comporta a sua parte de erros e incertezas. Sabe doravante como se fazem os inquéritos, como se conduzem as reportagens, como se prepara e se deforma a bela profissão de escritor ou de jornalista.

Utilizando o texto livre e o jornal, habituamos os nossos alunos a uma crítica da imprensa, a aceitação e procura dessa crítica. (...) Aprendem, por experiência, a julgar as obras que lhes são apresentadas e rapidamente se tornam aptos a descobrir o que se esconde de falso e contraditório nas imponentes rubricas dos jornais.

O mesmo acontece sob o ponto de vista histórico e científico. Os nossos alunos fazem prospecções e pesquisas cujos resultados não se enquadram forçosamente nas afirmações dos livros. Não estão convencidos de antemão que são eles que não têm razão e o livro é que está certo.

Alunos das nossas aulas criticaram assim páginas de manuais, esboços de história e de ciências; escreveram as suas observações aos editores e aos autores que, em certos casos, reconheceram o fundamento das suas críticas.

E não é de menor importância que, com tais bases, tenhamos dado aos nossos alunos a ideia que consideramos decisiva de que tudo o que lhes é ensinado pode ser reconsiderado, que os pensamentos mais importantes podem e devem ser passados ao crivo da sua própria experiência, que o conhecimento se conquista e a ciência se faz.

No dia em que os cidadãos souberem que o seu jornal pode mentir ou, pelo menos, apresentar como definitivas soluções que são apenas um aspecto parcial dos problemas impostos pela vida; quando estiverem aptos a discutir com prudência mas também com ousadia; quando tiverem essa formação de experimentadores e criadores que nos esforçamos por lhes dar, haverá então qualquer coisa de diferente nas nossas democracias.

Biografia

- Célestin Freinet nasceu em 15 de outubro de 1896, na aldeia francesa de Gars, situada no sul desse país.
- Na adolescência, mudou-se para a cidade de Nice onde iniciou o Curso de Magistério.
- Com o início da Primeira Guerra Mundial, em 1914, Freinet interrompeu seus estudos. Nos combates sofreu as ações de gases tóxicos, que comprometeram seus pulmões pelo resto da sua vida.
- Em 1920 Freinet iniciou em uma escola rural de Bar-Sur-Loup suas atividades como professor, sem ainda ter concluído o Curso Normal. Desenvolveu rapidamente um pensamento crítico sobre a escola tradicional, permeada de autoritarismo, distante da vida e da realidade dos alunos.
- Até a sua saída de Bar-Sur-Loup, em 1928, constrói o essencial de seu pensamento e de suas propostas (em 1928 cria a Cooperativa do Ensino Laico).
- Em 1933 deixa o sistema público, onde é hostilizado. Em 1935 cria sua própria escola.
- Durante a II Guerra Mundial (1939-1945) é detido por sua filiação comunista (depois da invasão alemã, a França passou a ser governada por um regime que colaborava com o nazismo). Sua escola é fechada. Aproveita sua detenção para escrever vários livros. Libertado, se junta à resistência contra os alemães.
- Terminada a Guerra, lança-se de corpo e alma à difusão do seu pensamento. Cria o Instituto Cooperativo da Escola Moderna, em 1947 e a Federação Internacional do Movimento da Escola Moderna, em 1957.
- Freinet morre na cidade de Vence, na França, em 1966.